

25-10-2024

A CASA CAIU CHEGA DE REFORMAS!

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Quando completei 12 anos, me mudei do Setor Oeste para o Guarujá Park, em Trindade-GO. Minha mãe comprou o lote a prestações. Meu pai ficou indignado com isso, pois temia passar aperto. Particpei da empreitada desde o início. Capinei o lote com meu amigo Cabeça (Carlos César). Quebramos uns cinco cupinzeiros. Ajudei na marcação dos piquetes para a construção dos alicerces (baldrames, como diria meu avô Edmundo, companheiro de trabalho na obra). As paredes e as lajes foram feitas por um pedreiro amigo da família (Seu Anibal e funcionários), mas voltei ao batente na fase de acabamento, no reboco, assentamento de janelas e portas. Acabamento que nunca acabava de fato, pois vendemos a casa muitos anos depois ainda por ser concluída. Fiz concreto para reforçar a laje (isso permitiu que nos mudássemos antes mesmo de colocar o madeiramento e as telhas). Subia as latas na carretilha. – *Maaaaaassa mole!* Gritava meu padrinho Jânio, pedreiro de mão cheia, rápido que era uma peste. Ele nos deixava acabados ao final do dia, eu e meu avô Edmundo. Nos divertíamos xingando-o: -- *Grandão filho de uma....* Ele se divertia implicando, até me ver emburrado. – *Dois ajudantes que juntos não dão um. Maaaaaassa mole!* Retomo essa lembrança para falar de reformas. Vou seguir a receita dos que regurgitam a ideologia neoliberal, fazer correlações frágeis com o cotidiano, para defender e sustentar uma ideia. Já estou avisando. Não me julguem por isso. Fui ao passado no trabalho na construção civil para falar das estratégias neoliberais que nos atingiram em cheio e que tem se tornado a regra em cada instância de nossas vidas. O processo de desmonte do Estado de Bem-Estar Social tem suas raízes ainda no início do século XX. Nasce junto com as medidas keynesianas, quase como sua contraparte. Com a crise de 1929, a destruição causada pelas duas grandes guerras e o avanço das revoluções socialistas, espalhou-se pelo mundo capitalista a necessidade de intervenção do Estado na economia. John Maynard Keynes teve seu nome atribuído ao conjunto de políticas intervencionistas que constituíram na segunda metade do século XX um sistema de proteção que deu corpo ao modo de vida americano. Emprego estável ao longo da vida, com remuneração razoável, cenário de progressivo aumento de proteções sociais, casa própria e poder de consumo. Esse modelo de progresso, de sucesso individual, subsidiado pelo Estado, no início para garantir a sustentação do capitalismo nos EUA, virou exemplo para o resto do mundo. Mas foi útil também para permitir o sucesso da mundialização de sua economia, por meio de suas grandes corporações, e para frear as revoluções socialistas mundo afora. Com o Plano Marshall de reconstrução da Europa e de fortalecimento das economias capitalistas, vultuosos empréstimos foram concedidos através do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento-BIRD e do Fundo Monetário Internacional-FMI e, por meio da Doutrina Truman, o capitalismo venceu. A queda do muro de Berlim e a desintegração da URSS foram apenas os marcos finais dessa história. Mas por que essa síntese rasa da geopolítica do século XX? Apenas para falar da capacidade da economia capitalista de se reinventar. A partir do enfrentamento de suas próprias contradições e das leituras sobre os recuos e avanços em meio às suas crises cíclicas.

Harvey (“*Os limites do capital*”) diz que a crise é também uma estratégia de expansão do capital – o capitalismo tem se tornado extremamente resiliente (mais um léxico do modismo neoliberal). Após uma crise do regime liberal clássico e de suas inovações (racionalização da produção do taylorismo-fordismo) – a acumulação de capital cresceu rapidamente, rompeu a lógica do livre mercado, gerando a crise de 1929 –, a mão invisível do capital deu lugar à mão firme do Estado. A disputa por modelos econômicos, de Estado e até de governo que constituíram o período de Guerra Fria, permitiu avanços singulares em favor da classe trabalhadora. Porém, o capitalismo, tal como a casa lá do Guarujá Park, é ainda obra inacabada. Mesmo quando achamos que concluiu sua última expansão, seus últimos retoques, recomeçam as reformas. Caiu uma parede aqui. Amplia-se um puxadinho acolá. A decoração dessa sala de estar não está a contento. Dá-se uma cara nova a ela, para torná-la mais agradável e aprazível aos seus usuários. A vida no capitalismo é sempre modificada, reformulada, reembalada para parecer mais agradável, ou menos degradante. E os reformadores nunca ficam sem trabalho. Milton Fridman, James Buchanan, Frederick Hayek e Ludwig von Mises (*Chicago boys*), nos EUA e Europa – impactando também por aqui, especialmente no Chile e no Brasil –, tal como os ex-ministros Henrique Meirelles e Paulo Guedes (*Faria Limers*) aqui no Brasil. Além disso, temos os representantes de interesses internacionais e de elites locais, nossos congressistas e representantes da política “partidária”, que não tomam partido de ninguém, mas que nunca ficam sem participar de nada. Desde que me entendo por gente, vamos partir dos 12 anos de idade, quando trabalhava na materialização do sonho da casa própria de minha família, as reformas são constantes. Foram duas reformas da previdência. Reforma trabalhista. Reforma do Ensino Médio. Mas para que tanta reforma se, no final das contas, o funcionamento segue o mesmo? Se a exploração segue sendo o seu pilar principal? A resposta é muito clara. As reformas são meras adaptações dos interesses capitalistas às contradições mais impactantes do momento. Os trabalhadores podem ser mais explorados para garantir a manutenção dos lucros: reforma. O tempo de trabalho pode ser estendido: reforma. O Ensino Médio pode ser reformulado para atender melhor às demandas da nova configuração da economia capitalista, sob a lógica neoliberal: reforma. Mas poucos têm clareza desse movimento nos dias atuais. A maioria tem fé cega na boa intenção das mudanças. O “*corte de gastos*” é necessário, pois o país está quebrado. É necessário mudar as leis trabalhistas, pois o empresário não está conseguindo gerar emprego.

..... Falácias e mais falácias.

Não vejo a hora do retorno do sentimento de revolta dos que realmente são explorados. Não vejo a hora de abrir o peito e gritar como na minha quebrada *A CASA CAIU: CHEGA DE REFORMAS!*

.....
Não vejo a hora de retomar as lutas de fato. De sairmos desse estágio anestésico de alienação total, de uma vida fetichizada. De ver o trabalhador emergir das telas e voltar a se reconhecer como tal. Ver a classe trabalhadora voltar a se enxergar como explorada, não como abençoada pela possibilidade de autoexploração. Espero que cada dia mais pessoas enxerguem a engenhosidade capitalista para manutenção das condições de exploração. Nesse momento, terei orgulho de participar da construção da nova casa, da fundação (baldrames, como diria meu avô Edmundo) ao último dos retoques da decoração.

**CHEGA DE REFORMAS.
E QUE CHEGUE A HORA DA REVOLUÇÃO.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.